REFLEXÃO

ESSE FILME JÁ PASSOU

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

Infernos antigos sempre voltam piores.

Autor desconhecido

2017 COMEÇOU recheado de sentimentos misturados, com eventos complexos na arena internacional. Na sequência do Brexit, o fenômeno Donald Trump, nos Estados Unidos, deverá ser fator de desequilíbrio nos próximos anos.

Desde o final da 2ª Guerra Mundial, os EUA são o guardião da defesa da democracia e do discurso a favor do livre-comércio global. O ex-presidente Obama acentuou isso quando aprovou o mais importante acordo ambiental do Planeta, na COP-21, em dezembro de 2015, em Paris. Da mesma forma, destacou-se ao posicionar-se pela vigilância dos movimentos da Rússia, dos problemas do Oriente Médio e da crise humanitária dos imigrantes da Síria.

A vitória de Trump coloca tudo *sub judice*. As suas primeiras medidas mostram coerência com as promessas da campanha presidencial. O significado disso ainda é difícil de analisar, mas há uma sensação de insegurança e torpor na maioria dos países, inclusive antigos parceiros dos EUA. O Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) e o Acordo Transpacífico (TPP) terão reveses. Sem os EUA, tudo é passado!

Nesse comportamento "*America first*", os EUA embarcarão em atitudes protecionistas inimagináveis. Como atores, o México, a China e a União Europeia sofrerão os impactos dessa nova realidade. Haverá enormes dificuldades de apoio a medidas de suporte às imigrações, ao comércio internacional e às ações ambientais globais e locais. O peso dos EUA nestes campos é vital! E como ficará o Brasil?

Atordoado com o ano maluco de 2016, o dia a dia da operação Lava-Jato e o rombo econômico-financeiro deixado pelo governo Dilma e pelos governos estaduais, o Brasil aprova o controle dos gastos, sai em busca da aprovação de uma nova previdência social e trabalha na grande mudança das suas relações internacionais, após anos perdidos!

No auge do processo de reforma na atuação do Itamaraty, diante da trombada Trump, o Brasil avalia ameaças e oportunidades. O que esse mundo em choque ofereceria ao Brasil? Quais são as ações fundamentais para pavimentar o futuro, em especial do agronegócio?

Mesmo com algumas ameaças, muitas são as oportunidades para o Brasil: o enfraquecimento do NAFTA e do TPP dará chance para que recuperemos o tempo perdido pelo governo petista. Poderemos abrir acordos bilaterais com os EUA, o México, a China, a União Europeia e outros. São mercados extraordinários. O agro pode expandir exportações, com impactos favoráveis ao País.

Seja em grãos, carnes e açúcar ou etanol, fibras e vários outros produtos, o potencial representado pelas revoluções agrícolas feitas pelo Brasil é exponencial.

Algumas medidas essenciais acompanham esses movimentos. A logística e a infraestrutura são fundamentais nessa estratégia de expansão de oferta de produtos do agronegócio. As medidas voltadas a aumentar a oferta de etanol são prioritárias para reduzir a pressão de importação de gasolina, que compete com as exportações nos portos.

O quadro, complexo, desenha pouco a pouco as eleições majoritárias de 2018, para a qual essa passagem é tão relevante aos brasileiros.

A lógica de Trump faz lembrar tudo de errado que o Brasil já fez. É um filme conhecido e não tem um final feliz. A plateia, no início, excita-se, mas termina em desânimo, com frustração macroeconômica e relativa à qualidade de vida da população. ■

